

## **A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM INSTITUCIONAL PELO RESGATE À MEMÓRIA DOCUMENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO NOS ARQUIVOS DE DIVULGAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO**

Sandra Nascimento da Hora<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho apresenta uma análise inicial da memória de arquivo documental da instituição Exército Brasileiro, relacionada aos discursos institucionais de comemoração do Dia do Exército, postos em circulação no período de 1994 a 2014. A pesquisa aponta como a instituição tem historicizado sua percepção a respeito de seu papel constitucional e de sua relação com a sociedade, ao longo dos últimos 20 anos, considerando o percurso temático apresentado em seus discursos, tendo em vista que as imagens que uma instituição constrói sobre si mesma podem ser identificadas por meio dos dizeres por ela constituídos, formulados e postos em circulação em um determinado período de sua história. A compilação de discursos postos em circulação formam uma memória de arquivo documental, a partir da qual é possível construir sentidos que possam explicitar o modo como as instituições se organizam, se projetam e se legitimam nos espaços sociais. Nos discursos de divulgação institucional, os textos apresentam, em sua materialidade, traços que possibilitam ao leitor observar como as imagens são construídas e como o discurso da história da instituição segue um percurso temático que se delinea a partir das escolhas lexicais e mecanismos linguísticos que os constituem.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem - UFF. Militar do Exército Brasileiro - professora de Linguística – no Centro de Estudos de Pessoal - snhora@gmail.com

## NO CONTEXTO DE CRIAÇÃO DO DIA DO EXÉRCITO

De acordo com Tavares (1985), a formação inicial do Exército tem origem nas ações do índio Felipe Camarão e do negro Henrique Dias, os quais lutaram pela defesa da terra brasileira. Em seus dizeres, Tavares (1985, p. 21-22) assinala que:

O primeiro grande marco foram as batalhas de Guararapes, na guerra contra os holandeses, onde surgiram, sob o impulso do sentimento nativista, o regimento dos pardos, comandados pelo índio Felipe Camarão, e o dos negros, de Henrique Dias. Eles se revelaram como combatentes, à altura dos portugueses colonizadores, nas lutas pela defesa da terra brasileira, em que haviam nascido.

Dar-se-ia, então, lutando nas mesmas fileiras, a fusão das três raças, como estaca zero, que passaria a ser uma glória do Exército. Porque, desde então, nasceria a alma do combatente brasileiro, pela fusão de índios, brancos, pretos e mestiços, como símbolo da futura democracia multirracial, sem discriminações nem quaisquer preconceitos, de modo a forjar as raízes do povo e do Exército brasileiro de todos os tempos, com o progressivo reforço de filhos de imigrantes de outras origens.

Esse primeiro gesto de organização da população brasileira já sinalizava a formação de um corpo de tropa militar e de um dos valores<sup>2</sup> da formação social Exército Brasileiro, o espírito de corpo. Nesse contexto, cabe evocar alguns dizeres de Rousseau (1996, p. 20):

Ora, como os homens não podem engendrar novas forças, mas apenas unir e dirigir as existentes, não têm meio de conservar-se senão formando, por agregação, um conjunto de forças que possa sobrepujar a resistência, aplicando-as a um só móvel e fazendo-as agir em comum acordo.

O autor (idem, p. 22) acrescenta que *“cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a suprema direção da vontade geral; e recebemos, coletivamente, cada membro como parte indivisível do todo”*, o que remete à noção de identificação do sujeito com a instituição que ora se constitui, caracterizando o que Pêcheux (1988) aponta como discurso do bom sujeito, no qual há identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina.

---

<sup>2</sup> O espírito de corpo reflete o grau de coesão da tropa e de camaradagem entre seus integrantes. Fonte: <http://www.sgex.eb.mil.br/index.php/86-cerimonial/vade-mecum/120-valores-deveres-e-etica-militares>

Castro (2002) resgata a memória do ano de 1994, em que por iniciativa do Ministro do Exército, General Zenildo de Lucena, foi criado o Dia do Exército, ressignificando a data de realização da 1ª Batalha dos Guararapes, ocorrida em 19 de abril de 1648. A instituição do Dia do Exército Brasileiro parece fundar uma nova tradição que não apaga sua relação com o passado, mas que desloca o sentido de outras comemorações, como o Dia do Soldado, e provoca um apagamento, no âmbito institucional, do Dia do Índio. Nesse contexto, cabe registrar os dizeres de Hobsbawn acerca das tradições inventadas:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN, 1997, p. 9).

De acordo com o discurso do General Zenildo, a nova data comemorativa tinha que ser máxima, por simbolizar o nascimento do Exército Brasileiro e da nação brasileira, além de representar a fusão das três raças que compunha o povo brasileiro: o negro, o branco e o índio. Nesse viés, Castro (2002, p. 69) destaca que “a ideia central da nova comemoração é que em Guararapes teriam nascido ao mesmo tempo a nacionalidade e o Exército Brasileiro”. Um gesto de interpretação a respeito da relação histórica entre feitos do passado e tradições do presente é assim apresentado por Hobsbawn:

O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo. Até as revoluções e os “movimentos progressistas”, que por definição rompem com o passado, têm seu passado relevante, embora eles terminem abruptamente em uma data determinada, tal como 1789. Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. (HOBSBAWN, 1997, p. 10).

Esse breve situar no contexto de formação do Exército Brasileiro nos campos de Guararapes e da instituição de uma data que trouxesse à memória a história de batalhas e conquistas de um povo que delineava seus primeiros gestos de

constituição como nação representa apenas os primeiros gestos de seleção e análise de um *corpus* que, aos poucos, se mostra ao olhar do pesquisador em seu percurso metodológico, revelando sentidos que não são únicos, mas que são construídos pelo referencial teórico que sustenta este estudo.

## **NO CONTEXTO DA AD E DA HIL**

Com filiação nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) e da História das Ideias Linguísticas (HIL), o presente estudo resgata a importância do arquivo documental, em sua materialidade textual, como elemento constituinte da memória histórica da instituição Exército Brasileiro. A esse respeito, Horta Nunes, em seu texto *O discurso documental na história das ideias linguísticas e o caso dos dicionários* (2008, p. 83), destaca que “o texto documental nomeia, data, seleciona objetos, e traça percursos. Sua tipologia é variada e caracteriza-se pelo caráter metalinguístico”.

Davallon (2010), em *Imagem, uma arte de memória?*, ressalta que a memória faz retomar o contexto sócio-histórico e ideológico de uma situação e que sua manifestação discursiva mantém viva na consciência do grupo os grandes acontecimentos, inscrevendo-os na continuidade interna, no espaço potencial próprio a uma memória. Bethania Mariani (1993, p. 41), em sua publicação *Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória)*, ao associar memória, história e instituição (formação social), também define a relevância da memória histórica na construção e fixação de sentidos acerca de uma determinada organização. A esse respeito, para Horta Nunes (2008, p. 87), “observar a história dos documentos, os percursos que eles realizam, leva a compreender melhor a produção do conhecimento”. Nesse contexto, é importante destacar a memória como elemento constitutivo das condições de produção do discurso, resgatando “algo que fala sempre antes e em outro lugar e independentemente, sob a dominação do complexo das formações ideológicas”, dito por Pêcheux (1975, p. 149), em sua obra *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Dessa forma, identifica-se como os discursos de divulgação institucional podem contribuir para a construção de um percurso histórico de uma

formação social, destacando o papel da memória de arquivo como elemento gerador de historicidade.

Orlandi (2012) orienta que, para fazer uma análise, é preciso pensar as condições de constituição, formulação e circulação do discurso, o que leva a considerar os discursos formulados e sua relação com outros discursos que circulam na sociedade. E acrescenta que:

Quando pensamos o texto pensamos: em sua materialidade (com sua forma, suas marcas e seus vestígios); como historicidade significativa e significada (e não como “documento” ou “ilustração”); como parte da relação mais complexa e não coincidente entre memória/discurso/texto; como unidade de análise que mostra acentuadamente a importância de se ter à disposição um dispositivo analítico, compatível com a natureza dessa unidade. (ORLANDI, 2012, p. 12).

Tal orientação corrobora com o outro já-dito, enunciado por Horta Nunes em momento histórico anterior:

Ler os documentos de arquivo conduz a explicitar os gestos de interpretação que subjazem a sua elaboração, evitando-se reproduzir uma história já dada, fixada, e mostrando seu processo de construção. As práticas institucionais e de arquivo realizam um trabalho de interpretação que direciona os sentidos, estabelecendo uma temporalidade e produzindo uma memória estabilizada”. (HORTA NUNES, 2008, p. 82).

## **PRIMEIROS GESTOS DE ANÁLISE**

A primeira sequência discursiva que orienta o presente processo de análise data de 1994, ano de criação da data comemorativa e, conseqüente, formulação e circulação do discurso que abre a série “Ordem do Dia – Dia do Exército”, o qual orienta para a interpretação de um discurso fundador, a respeito do qual Orlandi (1993, p. 24) esclarece que:

é discurso fundador o que instala as condições de formação de outros, filiando-se à sua própria possibilidade, instituindo em seu conjunto um complexo de formações discursivas, uma região de sentidos, um sítio de significância que configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade.

**SD1 (1994):** “A resistência dos homens da terra não se esgotou. A chama da indignação permanecia acesa, criando o caldo de cultura onde começavam a germinar o sentimento mais puro e a arma mais poderosa de uma nação: o amor à terra, o patriotismo. Fortalecia-se em torno de um ideal o amálgama de raças que identifica a natureza do povo brasileiro. Um

forte sentimento comum se desenvolvia na adversidade. (grifos em negrito do autor).

Nesse trecho do primeiro discurso alusivo à data comemorativa, estabelece-se uma relação interdiscursiva com os primórdios da formação da nacionalidade brasileira, em que brancos, negros e índios se uniram em prol da defesa da pátria. Aqui, comparece, também, o sentido de espírito de corpo, retratado no contexto sócio-histórico apresentado na primeira parte da pesquisa, destacando-se o contexto de luta e chamando a atenção para o não enfraquecimento dos combatentes, para o não esgotamento de suas forças.

**SD2 (2000):** “Meu Exército, percorro os caminhos que emolduram meio milênio de nossa História e vejo sua presença decisiva, sua ação ordenadora, sua vocação para a integração nacional e sua ativa participação nos destinos do Brasil. Vejo-o na gente disciplinada e leal, que aceita, convive e respeita o semelhante. Que regula diferenças e equilibra contradições. Que não se separa das virtudes que pratica. Humilde e simples, mas consciente do que quer ser, do que vale e do que representa. Tolerante e bondoso, mas forte o suficiente para não aceitar indisciplina ou desordem. Paciente e fraterno. Respeitado e querido pelo povo. Honrado, mas distante das honrarias. Ocupado com seus afazeres e despreocupado dos aplausos.”

No gesto de interpretação da primeira parte da SD2, é possível perceber o “apelo ao saber histórico do analista”, conforme prevê Collinot & Mazière (2010, p. 186) e dos leitores do texto, para que se possa depreender o sentido que remete à época do descobrimento do Brasil e à comemoração de seus 500 anos.

Há um efeito de evidência sobre as formações imaginárias que a instituição faz de si mesma e do povo que representa, marcada pela presença de adjetivos como disciplinada, leal, tolerante, paciente, respeitado, querido, honrado. E seguindo esse percurso temático, que se soma ao sentido que desdobra sobre seu papel constitucional, parece ser esta imagem de um exército forte, porém de paz, que almeja construir perante seu público interno, ressaltando o efeito de identificação deste com a missão, os valores e as tradições que fazem parte de seu dia a dia.

No intuito de esclarecer a abordagem referente ao percurso temático, destacam-se os dizeres de Guilhaumou e Maldidier (2010, p. 165)

A análise de um trajeto temático remete ao conhecimento de tradições retóricas, de formas escritas, de usos da linguagem, mas sobretudo, interessa-se pelo novo no interior da repetição. Esse tipo de análise não se restringe aos limites da escrita, de um gênero, de uma série: ela reconstrói os caminhos daquilo que produz o acontecimento na linguagem.

É pela escolha lexical, pela ênfase na adjetivação que se pode perceber o trajeto temático que faz parte dos discursos dessa natureza.

**SD3 (2004):** “Nunca desejou a guerra. Só desembainhou a espada quando chamado ou impelido a manter a paz. Jamais desejou ser facção ou vertente a separar irmãos de família brasileira. Essa instituição armada é a própria sociedade pacífica que representa, que não conquista apenas pela força e que obtém a vitória também com a fé. Na consciência do cidadão que se faz soldado, pacificador acima de tudo, vibra o amor sem preço da gente que serve à Pátria Brasileira.”

Mais uma vez, comparece nos discursos da comemoração do Dia do Exército a formação imaginária que remete à paz, à condição de não guerra, o que gera um efeito de identificação da força com a sociedade e vice-versa, resignificada nos dizeres “Essa instituição armada é a própria sociedade pacífica”.

**SD4 (2014):** Havia, naquela época, um território ameaçado pelo invasor; havia um sentimento de corresponsabilidade com a jovem Nação; e havia a grande vontade de um povo de se autodeterminar. Enfrentamos e vencemos.

Nesse trecho, comparece o discurso da missão constitucional de defesa da pátria, através da combinação de termos linguísticos, substantivos e adjetivos, que retomam a noção fundadora acerca do papel das forças armadas: território ameaçado pelo invasor; corresponsabilidade com a jovem Nação; enfrentamos e vencemos. Em seu percurso temático, mais uma vez, parece haver um efeito de identificação de um povo que queria se libertar com uma força capaz de enfrentar e vencer a ameaça que circulava naquele momento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos do Dia do Exército que circularam no período de duas décadas, desde a criação da data comemorativa, registram dizeres que apontam para a

construção de sua história como instituição e resgatam tradições e valores que nasceram junto com ela.

Há, ainda, muitos outros sentidos a serem construídos a partir de gestos de análise e interpretação desta pesquisadora e de outros estudiosos movidos pelo efeito de incompletude do sujeito.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DAVALLON, Jean. *A imagem, uma arte de memória?* In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2010.

GUILHAMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E.P. (Org). *Gestos de leitura*. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terencer. (Org). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

HORTA NUNES, José. *O discurso documental na história das ideias linguísticas e o caso dos dicionários*. Alfa, São Paulo, 52: p. 81-100, 2008.

\_\_\_\_\_. *Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas*. Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul/dez 2008.

MARIANI, Bethania. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, E.P. (Org). *O discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. São Paulo: Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4.ed. São Paulo: Pontes, 2012.

PÊUCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). 4. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TAVARES, Aurélio de Lyra. *Nosso Exército: essa grande escola*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.